



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

MEMÓRIA E TRAJETÓRIA DOS ESTUDANTES NEGROS E NEGRAS DA UESB

Edjane Freitas Novaes*
(UESB)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo investigar a realidade dos alunos afro-descendentes da UESB Campus de Jequié para identificar as condições em que se deu seu ingresso como discentes, bem como conhecer as mediações pelas quais a condição de negro repercute nas vidas destes sujeitos que conseguiram ter acesso e permanecer nesta instituição universitária. Para tanto valendo-se dos estudos de Geertz (1989) e Thompson (1995) que conceitua cultura, Muniz Sodré (2005) que aborda sobre cultura negra, Munanga (2003) que discute racismo e educação, Nilma Lino (2003) com as suas contribuições sobre as políticas de ações afirmativas, optou-se por utilizar como procedimento metodológico a Hermenêutica de profundidade, analisando o material coletado junto aos estudantes da UESB, constatando a necessidade de políticas específicas que assegure aos estudantes negros o seu pleno desenvolvimento acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Educação; Ações Afirmativas.

INTRODUÇÃO

A persistente desigualdade racial entre negros e brancos no Brasil, sobretudo no ensino superior, tem mobilizado os movimentos sociais e o estado em prol de

*Estudante do curso de pós-graduação em Antropologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

mudanças efetivas e uma delas, são as políticas de ações afirmativas que visem o acesso e a permanência da população negra no ensino superior, à vista disso, as universidades brasileiras, nos últimos anos, vem sendo sistematicamente incitadas a assumir um papel mais ativo na produção do conhecimento e na construção de mecanismos que possam contribuir na reversão do quadro de exclusão e discriminação da população afro-descendentes brasileira, especialmente dentro das universidades.

Somos o país com a segunda maior população negra do mundo – mais de 79 milhões de afro-descendentes, ficando atrás somente da Nigéria, entretanto apenas 2,8% de alunos negros concluem o ensino superior (INEP, 2006); a superação dessa situação requer ações imediatas.

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Campus de Jequié, não foge a regra, o perfil socioeconômico e étnico-racial de seus estudantes segue a mesma tendência do país. Visto a sub-representação da população negra no conjunto do seu atual corpo discente. O que fica evidente com uma simples caminhada pelos corredores desta universidade.

O acesso da população negra ao ensino superior nesta instituição ainda é muito pequeno e normalmente se restringe aos cursos considerados de menor prestígio social. É importante ressaltar que só no início de 2009 a UESB decide adotar o sistema de cotas ou reserva de vagas para estudantes negros. Este trabalho é de grande relevância, pois tem como objetivos investigar a realidade dos alunos afro-descendentes da UESB Campus de Jequié para identificar as condições em que se deu seu ingresso como discentes desta instituição, bem como conhecer e analisar as mediações pelas quais a condição de negro repercute nas vidas destes sujeitos que conseguiram ter acesso e permanecer nesta instituição universitária, aprofundando a discussão racial no interior da UESB.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

MATERIAL E MÉTODO

Mediante propósitos, objetivos e questões de pesquisa a metodologia adotada neste trabalho foi a Hermenêutica de Profundidade por considerá-la mais apropriada para o nosso objeto de estudo, entre outras razões por nos permitir ouvir as vozes dos sujeitos da pesquisa.

A Hermenêutica de Profundidade compreende três fases. Estas fases não devem ser entendidas como separadas, mas interligadas e em movimento constante uma em relação a outra.

Neste trabalho, fez-se a princípio a análise sócio-histórica, ou seja, estudou-se o contexto histórico e social onde os sujeitos da pesquisa estão inseridos para perceber como as formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas.

Feito o estudo do contexto onde os sujeitos da pesquisa estão inseridos foi possível fazer a análise formal ou discursiva. Esta é sempre feita em virtude dos objetos e das expressões que circulam nos campos sociais, que se tratam também de construções simbólicas complexas que apresentam uma estrutura articulada. As formas simbólicas são produtos contextualizados, que tem por objetivo, dizer alguma coisa sobre algo. De acordo com o objeto e as circunstâncias de investigação optou-se pela análise narrativa e análise argumentativa.

A terceira fase que é a interpretação/reinterpretação que consiste em um movimento novo de pensamento, ela procede por síntese, por construção criativa de possíveis significados. Apresentou-se as considerações sobre o tema.

Como instrumento de coleta de dados optou-se pela entrevista semi-estruturada, pois foi possível captar as informações desejadas além de possibilitar ao entrevistado a liberdade e espontaneidade para falar sobre o tema.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos seguindo os seguintes critérios: Estudantes que se auto-definem como negros (as) regularmente matriculados em cursos de graduação da UESB no ano de 2008, do sexo feminino e masculino vinculados a todas as áreas de conhecimento que tivessem disponibilidade para participar da pesquisa.

O trabalho é composto de três capítulos básicos: inicia-se com o Referencial Teórico-Methodológico, o qual busca discutir os propósitos da pesquisa, alguns fundamentos da Hermenêutica de Profundidade, a escolha pela entrevista semi-estruturada e os sujeitos da pesquisa.

No segundo capítulo discutimos as Categorias de Análise: Memória e Identidade, Cultura, Cultura Negra, Preconceito étnico racial, Ser Negro, Ser Negro numa Sociedade de Classes e Ideologia Branca e Acesso a Permanência do Negro no Ensino Superior.

No terceiro capítulo tentamos situar o leitor a realidade da pesquisa (UESB – Campus de Jequié) visando estudar os dados obtidos na pesquisa de campo e fazer relação com o quadro teórico.

No que tange as considerações finais, pensamos em retratar as nossas impressões, conclusões e significações sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A política de cotas para negros no Brasil tem despertado debates internos acerca do acesso e permanência dos afro-descendentes no Ensino Superior, especialmente porque esses debates trazem de forma implícita ou explícita, concepções de racismo e discriminação presentes na sociedade brasileira.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A história de resistência negra no Brasil teve início com a vinda dos primeiros negros da África em meados do século XVI. Posteriormente, houve resistência organizada na Revolta do Malês, na Bahia; a instituição da República de Palmares na Serra da Barriga, em Alagoas, reduto que durou até 1695, com a morte de Zumbi. Por volta de 1940 organizou-se a chamada Frente Negra de Combate ao Racismo. Nos períodos ditatoriais, houve grande resistência ao Movimento negro. Sob alegações de infringência à Segurança Nacional, esses governos taxavam esse movimento de subversivo, equiparando-o, à ideologia comunista. Em 1968, a ONU (Organização das Nações Unidas) aprovou a Convenção para Eliminação de todas as formas de Discriminação Racial, que foi ratificada por 157 países, os quais se comprometeram a promulgar e proteger os princípios de igualdade.

A ONU promoveu também três conferências Mundiais sobre essa temática, sendo as duas primeiras em Genebra (Suíça), em 1978 e 1983, e a terceira em Durban (África do Sul) em 2001. Esta última Conferência abordou temas mais abrangentes: racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata, objetivando erradicar qualquer forma de discriminação racial.

Dentre as bandeiras de luta de todos esses movimentos anti-raciais, destaca-se o direito à educação.

[...] ora vista como estratégia capaz de equiparar os negros aos brancos, dando-lhe oportunidades iguais no mercado de trabalho; ora como veículo de ascensão social, e, por conseguinte de integração; ora como instrumento de conscientização por meio do qual os negros aprenderiam a história de seus ancestrais, os valores e a cultura de seu povo, podendo a partir destes reivindicar direitos sociais e políticos, direito a diferença e respeito humano (GONÇALVES, 2000, p. 337).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A política de cotas para negros na educação superior é decorrência de todos esses movimentos e é vista como um “projeto de reparações”, para inserir o negro no meio social.

De acordo com Almeida (2003) “somos o país com a segunda maior população negra do mundo – mais de 79 milhões de afro-descendentes, ficando atrás somente da Nigéria”, entretanto apenas 2,8% de alunos negros concluem o ensino superior (INEP, 2006) a desigualdade entre brancos e negros que concluem o ensino superior é significativa. A superação dessa situação requer ações públicas imediatas.

Segundo Munanga (2003), “[...] se por milagre o ensino básico e fundamental melhorar seus níveis para que os alunos desses níveis de ensino possam competir igualmente no vestibular com os alunos negros levariam cerca de 32 anos para atingir o atual nível dos alunos brancos”.

Munanga (2003, p. 119) afirma que o Brasil é um país onde os preconceitos e a discriminação racial não foram zerados ou seja, onde os alunos brancos pobres e negros pobres ainda não são iguais, pois uns são discriminados uma vez pela condição socioeconômica e outros são discriminados duas vezes pela condição racial e socioeconômica.

O senso da Educação Superior, de 2002, constatou que 2.864.046 brasileiros estavam cursando este nível de ensino, desses 2.249.155 eram brancos (78,5%); 68.208 negros (0,23%); 37.403 de cor amarela; 491.698, pardos (1,61%); 4397, indígenas e 13.185 de cor ou raça ignorada. (Folha de São Paulo, C4). Isto é, somadas as porcentagens de negros e pardos (1,84%) ainda assim é um valor representativamente muito abaixo do percentual de vagas ocupadas por brancos. No que se refere a escolaridade concluída os dados indicam que são os amarelos que detêm o maior percentual de nível superior completo: 26,9%; os pardos somam 2,4%; os indígenas 2,2%; os negros 2,1% e os brancos 9,9%, o que representa,



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

aproximadamente quatro vezes mais que cada um desses três. Na Pós-graduação (stricto sensu), 86,4% são brancos; 9,2% são pardos; 1,9% são amarelos, 1,8% são negros e 0,2% indígenas (IBGE, 2005).

Com relação às diferenças entre anos de estudo e desempenho escolar, constatou-se que a participação dos jovens negros na última série do ensino médio representa 50% da registrada na 4ª série do Ensino Fundamental, enquanto os brancos, que somam 44% dos alunos ao final do primeiro ciclo do fundamental, totalizam 76% na 3ª série do Ensino Médio (MEC / INEP/ 2003).

Diante dos dados apresentados fica evidente que a população negra tem menos acesso a educação, principalmente à superior, uma vez que existem exames seletivos para o ingresso. Por isso vale a velha máxima aristotélica: “é preciso tratar desigualmente os desiguais sob pena de injustiça mais inaceitável”.

A adoção do sistema de cotas favorecem o acesso de negros a educação superior, entretanto, outras estratégias devem ser desenvolvidas para promover a permanência desses estudantes na Universidade de modo a concluírem seus cursos de Graduação. É sabido que apenas uma política de acesso não garante conclusão da educação superior, ma aponta possibilidades antes não pertinentes a realidade de estudantes negros e oriundos de escolas públicas.

O contato com os estudantes negros (as) da UESB revelou o perfil sócio-cultural e étnico-racial destes alunos. Um grupo jovem, proveniente em sua maioria de escola pública, com pais de formação escolar de nível fundamental e médio.

Apesar de perceber nos corredores da universidade a presença bastante significativa de pretos e pardos, o número de estudantes que se auto-declaram como negros neste campus da UESB – Jequié parece ser pequeno. E a sua presença normalmente se restringe aos cursos de menor prestígio social ou mais populares, em especial as licenciaturas.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A pesquisa revelou as principais dificuldades encontradas por estes estudantes para ter acesso a universidade: concorrência do vestibular, a falta de base da escola pública, as condições sócio-econômica das famílias e a condição de negro. O que aponta a necessidade de implantação do sistema de cotas na UESB.

Apesar de toda discussão na comunidade interna e externa sobre a temática só agora foi que a UESB decidiu definir pela reserva de vagas para negros, indígenas, quilombolas e pessoas com necessidades educativas especiais.

Os estudantes negros também mostraram que a falta de livros na biblioteca, de residências universitárias, de um restaurante universitário e bolsas de estudos para estudantes com dificuldades financeiras, constituem as principais dificuldades de permanência no ambiente universitário. Neste sentido, é urgente a implementação de políticas compensatórias que minimizem as dificuldades objetivas enfrentadas pelos estudantes no decorrer dos cursos de graduação.

Em relação a identidade racial a maioria deles já sofreu algum tipo de discriminação ou presenciou alguém sofrendo algum tipo de constrangimento por causa da sua cor. Através dos relatos dos alunos de pele mais escura, constatamos um maior esforço, assim como também se nota que despertaram mais cedo para questões pertinentes às diferenças de cor ou raça.

A respeito da percepção de discriminação e racismo na Universidade em particular, observamos que os estudantes entrevistados sabem que existe a discriminação, mas que o racismo emerge de modo velado e sob forma de piadas.

Sobre os projetos, sonhos e expectativas dos estudantes negros da UESB que foram entrevistados foi possível constatar que a maioria deles tem a educação como o principal canal de ascensão social e por isso apostam na continuidade dos estudos.

Finalmente os resultados apontam que é imprescindível políticas de democratização e de inclusão social no ensino superior. E democratizar o acesso



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

caminha junto com a permanência. Democratizar não é só colocar negros e pobres dentro da Universidade é preciso dar-lhes condições para permanecer com sucesso e sair com sucesso.

Desta forma gostaria de lembrar uma afirmação de Boaventura Souza Santos citado no artigo do professor MOREIRA (2001p. 68) que nos ajuda a pensar sobre o contexto de uma política de democratização que contemple as diferenças: as pessoas têm direito a ser iguais sempre que as diferenças as tornam inferiores; contudo têm também direito a ser diferentes sempre que a igualdade colocar em risco suas identidades (SANTOS 1997).

REFERÊNCIAS

- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Desenvolvimento, 2005.
- SODRÉ, Muniz. *A verdade Seduzida. Por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: DP e A. 3ª Ed, 2005.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.